

R-EACH RELATÓRIO

DO PROJETO

EACH – Rotas da Primeira Infância e da Cidadania Sustentável na Era Digital2023-1-PT01-KA220-SCH-000156194

EduSkills+



Cofinanciado pela
União Europeia

Financiado pela União Europeia. No entanto, os pontos de vista e opiniões expressos são exclusivamente da responsabilidade do(s) autor(es) e não refletem necessariamente os da União Europeia ou da Agência de Execução Europeia para a Educação e a Cultura (EACEA). Nem a União Europeia nem a EACEA podem ser responsabilizadas por elas.

I. Introdução	3
II. Revisão da literatura científica essencial e das diretrizes europeias	5
1. Quadros políticos e estratégias da UE	5
2. Principais Intervenções e Programas Educacionais	5
3. Recursos e Ferramentas para Educadores	6
4. Principais conclusões das consultas às partes interessadas (professores, alunos, pais)	6
5. Princípios orientadores subjacentes a todas as intervenções educativas para promover a literacia e as competências digitais	7
6. Domínios e ações prioritários	7
III. Três dificuldades	9
1. Profundidade e Aprofundamento na Aprendizagem	9
2. O falso e o enganoso	10
3. Encontrar contextos relevantes para obter detalhes – o exemplo da sustentabilidade	10
IV. Exemplos Relevantes de Projetos Anteriores - Boas Práticas e Estudos de Caso	13
V. Recomendações	14
VI. Experiências anteriores dos parceiros: correspondem às recomendações?	16
Referências	17
Anexos	19
1. Grupo de discussão (focus group) e resultados do questionário escrito	19
2. Resumo do Grupo de Discussão FILO	20
3. Resumo do Grupo de Reflexão da Universidade de Gdańsk	23
4. Resumo do Grupo Focal da Fundação Montessori	25
5. Resumo do Grupo de Discussão IFILNOVA	30
6. Resumo do Focus Group do Externato João XXIII	33
7. Resumo do Grupo de Discussão CADIAI	37
8. Resumo do Grupo de Discussão UNIBO	42

I. Introdução

Neste relatório R-EACH, o nosso objetivo é oferecer uma visão geral das informações relevantes e das intervenções educativas a nível europeu e nacional para aumentar a sensibilização sobre a transformação digital durante a primeira infância. Este relatório tem a tripla missão de: i) oferecer uma revisão da literatura científica essencial e das orientações europeias; ii) identificar exemplos relevantes de projetos anteriores e iii) verificar de que forma as experiências anteriores dos parceiros correspondem às recomendações científicas e governamentais, a fim de obter aconselhamento para melhor orientar projetos e práticas futuros. No que se segue, aderiremos a esta estrutura para enfrentar os desafios e objetivos que nos propusemos alcançar.

A transformação digital oferece dois tipos muito diferentes de direções: por um lado, parece facilitar e apoiar muitas atividades humanas, por outro lado, faz com que as pessoas se sintam perdidas (muita informação, muitas novas tecnologias para aprender e adotar constantemente). Não constitui, por isso, surpresa que o mesmo impacto se verifique no domínio da educação: professores e alunos beneficiam do apoio tecnológico, mas, ainda assim, os professores sentem que isso pode transformar totalmente a educação, e ninguém está preparado para a mudança.

Não há a garantia de este ser o caminho seguro para a educação. Os estudantes talvez estejam menos conscientes do impacto a longo prazo que a transformação digital pode ter nas suas próprias vidas, mas de todo o modo a população estudantil reconhece que as diferenças ao nível económico determinam o modo como as pessoas podem participar dessa transformação.

A opinião geral sobre o que fazer divide-se: há quem pense que é aconselhável controlar desde cedo o uso tecnológico para garantir a sua utilização da melhor forma possível, ao passo que outros defendem que a transformação digital deve ser adotada desde a mais tenra idade, de modo a garantir a sua utilização da melhor forma possível. Certo é que há uma relação estreita entre a implementação de práticas de Educação e Cuidado na Primeira Infância e benefícios sociais e económicos, e essa positividade a curto e longo prazo assenta em práticas pedagógicas.

O entendimento comum é que, dado que não é possível reverter ou eliminar o desenvolvimento tecnológico, é da maior importância orientar todos para que o uso tecnológico seja o mais adequado possível. Idealmente, as orientações serão dadas o mais cedo possível, embora a opinião pública e os especialistas ainda estejam divididas sobre a melhor forma de o fazer no que diz respeito à Educação Pré-escolar. Por exemplo, está documentado que a diferença nas pontuações de matemática do PISA entre os alunos que têm o ensino pré-escolar versus os que não o fazem é significativa e válida para mais do que um ano de formação formal (PISA 2013), o que indica que uma diferença semelhante pode aplicar-se a outros elementos educativos. Outros consideram que a melhor maneira de oferecer orientação às crianças é adiando o uso tecnológico tanto quanto possível até que elas atinjam uma idade em que seja mais fácil adotar uma visão crítica sobre o uso

tecnológico. No entanto, este bloqueio da utilização tecnológica parece praticamente impossível com a generalização dos telemóveis.

Se os educadores abordarem a ligação com o mundo digital o mais cedo possível, pode ser possível participar na transformação digital desde o início com uma postura crítica. Dado que as competências geram competências, introduzir as crianças do jardim de infância ao mundo digital de um modo crítico e colaborativo pode ser fundamental para garantir uma relação responsável com o mundo digital. Os benefícios estarão longe de ser meramente cognitivos e incluirão a adaptabilidade social e cultural para o futuro. Idealmente, a educação digital só deve fazer sentido na medida em que capacita e amplifica o significado do mundo para além do mundo digital.

Assim, o desafio pode ser melhor equacionado não em termos de estabelecer restrições ao uso da tecnologia em sala de aula, mas em como torná-la valiosa para o desenvolvimento das crianças, uma vez que a educação na primeira infância não pode ficar indiferente diante da transformação digital em curso (Dias *et al.*, 2011). Isto não significa permitir que as crianças utilizem os seus telemóveis nas salas de aula e nas escolas à vontade, como é óbvio. Significa envolver as crianças com a educação para a transformação digital de tal forma que elas serão incapazes de usar os dispositivos tecnológicos sem vincular essa utilização a uma vida significativa fora do mundo digital.

Uma forma importante de fomentar esse desenvolvimento é elaborando e pondo em prática projetos educacionais que indiquem possíveis soluções para escolas e educadores. O presente Relatório R-EACH tem como objetivo identificar o tipo de cenário social geral que pode ser encontrado nas escolas e universidades que têm esse propósito, ao mesmo tempo que se identificam os principais problemas e desafios que servirão de base a um Relatório de Boas Práticas que possa fornecer critérios para organizar e orientar um portfólio que possa inspirar os educadores na área. Basear-nos-emos em informações retiradas da literatura científica essencial, bem como em planos e recomendações europeias sobre estas matérias. Sem surpresa, dada a importância crucial do tema, a literatura é imensa e impossível de digerir por parte dos educadores individualmente, pelo que a seguir apresentaremos algumas das principais conclusões, objetivos e estratégias delineadas pela Comissão Europeia de forma a alcançar o que parece ser o objetivo comum de fomentar a educação digital em todos os países europeus.¹

¹ Plano de Ação para a Educação Digital 2021-2027 - Redefinir a educação e a formação para a era digital, Comissão Europeia, 2020.

II. Revisão da literatura científica essencial e das diretrizes europeias

A União Europeia (UE) tem implementado várias intervenções educativas para promover a literacia e as competências digitais desde tenra idade, compreendendo a importância da construção destas competências durante os anos formativos da primeira infância. A visão panorâmica que aqui oferecemos visa resumir as principais iniciativas, estruturas e programas estabelecidos pela UE para aumentar a sensibilização e promover as competências digitais na educação infantil, bem como os princípios orientadores por trás de todas essas iniciativas e as áreas e ações prioritárias.

1. Quadros políticos e estratégias da UE

O Plano de Ação para a Educação Digital (2021-2027):

- Centra-se no reforço da literacia e das competências digitais em todos os níveis de ensino.
- Enfatiza a importância da integração das tecnologias digitais na educação infantil.
- Incentiva os Estados-Membros a desenvolverem estratégias nacionais para a educação digital.

O Quadro Europeu para a Competência Digital dos Educadores (DigCompEdu):

- Fornece um quadro pormenorizado para os educadores desenvolverem as suas competências digitais.
- Destaca a necessidade de os educadores na primeira infância integrarem ferramentas e recursos digitais de forma eficaz.

2. Principais Intervenções e Programas Educacionais

I. Iniciativas de Codificação e Pensamento Computacional:

- Semana Europeia da Programação: uma iniciativa anual que incentiva crianças de todas as idades a participar em atividades de programação. Recursos e atividades específicos são projetados para a primeira infância para introduzir conceitos básicos de codificação de forma lúdica.
- eTwinning: uma plataforma que liga escolas de toda a Europa, permitindo que professores e alunos colaborem em projetos que incluem frequentemente componentes de literacia digital.

II. Programas de Literacia Digital:

- Better Internet for Kids (BIK): centra-se na criação de um ambiente digital mais seguro para as crianças e fornece recursos para educadores e pais ensinarem as crianças sobre a utilização segura e responsável da Internet.

- Dia da Internet Mais Segura: evento anual que promove uma utilização mais segura e responsável das tecnologias em linha e dos telemóveis, em especial entre as crianças e os jovens.
- III. **Iniciativas de Educação e Cuidado na Primeira Infância:**
- Relatório Eurydice sobre a educação digital nas escolas na Europa: fornece informações sobre a forma como os diferentes países europeus integram a educação digital nos seus programas curriculares, incluindo a educação pré-escolar.
 - European Schoolnet: Uma rede de 34 Ministérios da Educação europeus que trabalha em métodos de ensino e aprendizagem inovadores, incluindo projetos de literacia digital orientados para a primeira infância.

3. Recursos e Ferramentas para Educadores

- I. **European Schoolnet Academy**: oferece cursos em linha e webinars para educadores melhorarem as suas competências digitais e aprenderem a integrar ferramentas digitais na educação pré-escolar de forma eficaz.
- II. **SELFIE (Self-reflection on Effective Learning by Fostering Innovation through Educational Technologies)**: uma ferramenta gratuita concebida para ajudar as escolas a avaliar até que ponto estão a utilizar as tecnologias digitais para a aprendizagem. Inclui adaptações específicas para contextos de educação pré-escolar.
- III. **Plataforma Europeia de Educação Escolar**: disponibiliza uma vasta gama de recursos, incluindo planos de aula, materiais didáticos e boas práticas para a integração de competências digitais na educação pré-escolar.

4. Principais conclusões das consultas às partes interessadas (professores, alunos, pais)

(estudo realizado de fevereiro a setembro de 2020 (durante a crise da COVID))

A crise da COVID-19 enfatizou a necessidade de disponibilização de conteúdos digitais de alta qualidade e da educação inclusiva.

As principais preocupações levantadas incluem: i) a gestão da sobrecarga de informação, ii) a proteção de dados pessoais e iii) a distinção entre factos e informações verídicas ou falsas e outros conteúdos falsos em linha.

Há urgência em: i) aumentar as competências digitais dos educadores e implementar estratégias eficazes de educação digital, ii) integrar a tecnologia digital na educação com base em padrões e diretrizes de qualidade e iii) abordar as clivagens digitais, garantindo acessibilidade a todos os alunos.

Os pais desempenharam um papel significativo na viabilização da aprendizagem durante a crise sanitária, mas enfrentaram desafios relacionados com fatores socioeconómicos e a falta de apoio à aprendizagem em linha. Fatores socioeconómicos influenciaram a capacidade dos pais de apoiar a aprendizagem dos filhos. Neste contexto, os recursos e conteúdos de aprendizagem em linha têm de ser mais sólidos, interativos e fáceis de utilizar.

5. Princípios orientadores subjacentes a todas as intervenções educativas para promover a literacia e as competências digitais

- Os sistemas de educação e formação devem adaptar-se à evolução digital, com uma dinâmica crescente para a partilha de boas práticas e o desenvolvimento de instrumentos comuns ao nível da UE.
- Entre os princípios fundamentais contam-se a garantia de uma educação digital inclusiva e de elevada qualidade, o reforço do diálogo e das parcerias e a promoção da igualdade e da inclusão.
- As competências digitais devem ser integradas em todos os domínios do desenvolvimento profissional dos professores.
- A literacia digital é essencial para navegar num mundo digitalizado e as competências digitais básicas devem fazer parte das competências essenciais transferíveis.
- São necessários conteúdos educativos digitais de elevada qualidade e oportunidades de aprendizagem flexíveis, incluindo a promoção de cursos de curta duração e de microcredenciais.

6. Domínios e ações prioritários

A União Europeia pretende abordar as oportunidades e os desafios da transformação digital na educação e na formação através de duas prioridades estratégicas:

- 1. Promover o desenvolvimento de um ecossistema de educação digital de alto desempenho:**
 - Promover a educação digital inclusiva e de alta qualidade através da colaboração entre governos, instituições de ensino, setor privado e público.
 - Melhorar o planeamento e o desenvolvimento da capacidade digital, incluindo as infraestruturas, dispositivos, recursos organizacionais e conectividade.
 - Disponibilizar conteúdos de educação digital e formação em competências digitais aos educadores: lançar uma ferramenta de autoavaliação em linha para professores, a SELFIE para Professores¹⁹, com base no Quadro Europeu para a Competência Digital dos Educadores, a fim de ajudar a identificar pontos fortes e lacunas nas suas competências digitais, técnicas e pedagógicas.

- Especificamente, o The Going Digital Toolkit ajuda os países a avaliar o seu estado de desenvolvimento digital e a formular políticas de resposta. A exploração e visualização de dados são características fundamentais do conjunto de ferramentas.
https://goingdigital.oecd.org/?_ga=2.250551173.2074542242.1706030038-595000539.1706030038

2. Melhorar as aptidões e competências digitais para a transformação digital:

- Desenvolver orientações comuns para professores e pessoal educativo, a fim de promover a literacia digital e combater a desinformação através da educação e da formação: desenvolver um quadro europeu de conteúdos educativos digitais (princípios orientadores para setores específicos da educação e respetivas necessidades).
- Combater as disparidades de género no setor digital e incentivar a participação das mulheres.
- Atualizar o Quadro Europeu de Competências Digitais de modo a incluir competências em matéria de IA e de dados.
- Propor um Certificado Europeu de Competências Digitais e melhorar o acompanhamento das competências digitais dos estudantes.
- Utilizar os projetos de cooperação Erasmus para apoiar os planos de transformação digital das instituições de ensino superior e de educação de adultos.
- Uma literatura de backup importante para consultar é Empowering Young Children in the Digital Age (para ler online)
<https://www.oecd-ilibrary.org/sites/30e36f0fen/index.html?itemId=/content/component/30e36f0f-en>

O principal objetivo envolve a criação de uma plataforma europeia de educação digital para apoiar os Estados-Membros, acompanhar a execução do plano de ação e promover a colaboração intersetorial. Além disso, o plano de ação visa aumentar o impacto digital do programa Erasmus e reforçar a cooperação internacional no domínio da educação digital, a fim de colmatar o fosso digital mundial. Projetos como o EACH só podem abordar as questões que estão ao alcance dos educadores em sala de aula e, assim, focar-se principalmente na conceção de possíveis materiais pedagógicos, abordagem pedagógica e na ferramenta de autoavaliação para a prática educativa contínua.

III. Três dificuldades

Baseando-se nas fontes de informação essenciais sobre as políticas da UE, o relatório R-Each pretende apresentar uma síntese, apontando três dificuldades que os educadores encontrarão para pôr em prática as recomendações da UE. Uma das questões difíceis da transformação digital na Educação Infantil é saber como proporcionar profundidade e aprofundamento na aprendizagem. Outra dificuldade diz respeito à forma como o falso e o enganoso aparecem no mundo digital. Em terceiro lugar, está a contextualização que deve ser dada à transformação digital, pois esta nunca pode ser implementada no vácuo. É praticamente impossível fornecer uma orientação clara refletindo sobre a transformação digital em abstrato; é nos detalhes que a transformação digital consegue captar a dificuldade em questão e responder aos desafios concretos.

1. Profundidade e Aprofundamento na Aprendizagem

Uma das questões difíceis sobre a transformação digital na Educação Infantil é como proporcionar profundidade e aprofundamento na aprendizagem. Os educadores devem ter sempre em mente esta questão. Não apenas como um sinal de alerta na sua prática, mas para encontrarem formas de aumentarem a qualidade da aprendizagem das tecnologias digitais.

Veja-se o caso da Música: as pessoas aprendem a tocar um instrumento, e isso significa imediatamente que primeiro aprendem uma peça musical, depois aprendem a tocá-la cada vez melhor, e depois continuam a aprender peças musicais mais complicadas. Isso proporciona à educação musical um importante senso de profundidade que é difícil de transferir para a pedagogia em geral. Além disso, a aprendizagem de tocar um instrumento também pode ser reforçada pela educação teórica (tanto da história da música, como da teoria musical). O facto de um instrumento poder ser aprendido sem formação formal em música indica como se podem identificar níveis de proficiência e conhecimento de música mesmo num estado de ignorância, porque mesmo alguém que não sabe muito sobre teoria musical entende que há uma parte do mundo da música que não está a ser explorada. Além disso, o mundo da música revela que aprender a tocar um instrumento pelos melhores mestres não é condição suficiente para alcançar a excelência no desempenho, nem o aumento da prática por si só será suficiente, mesmo que ainda decisivo para tocar bem um instrumento musical. Isto significa que qualquer pessoa que aprenda um instrumento musical adquire inevitavelmente também uma sensação de ignorância e perspetiva sobre o seu conhecimento limitado. E quando uma pessoa é um músico maduro, essa pessoa já sabe que quanto mais se aprende, mais há para aprender. Quase nenhuma outra área da educação pode oferecer esta atitude como a música e, no entanto, o exemplo da música pode ser usado como uma bússola para orientar a prática educativa em geral.

2. O falso e o enganoso

O problema é tão avassalador que até os adultos têm de ser lembrados de formas de ultrapassar a possibilidade de serem enganados no mundo digital.

Existem recomendações importantes para a segurança e as instituições de ensino dão informações acerca da melhor forma de ser cauteloso (ver <https://www.fcsh.unl.pt/nova-fcsh-assinala-o-dia-da-internet-segura-com-dicas/>). Recomenda-se o uso de senhas fortes, evitar redes públicas a que qualquer pessoa pode aceder e evitar compras on-line ou movimentações de contas bancárias enquanto as usa, bem como usar sempre uma senha segura para aceder a dispositivos como telemóveis ou computadores, e formatá-los de modo a poder desconectá-los e apagar a sua memória em caso de roubo ou perda. Os alunos podem muito facilmente, desde muito cedo, ser aconselhados a evitar carregar em ligações que são enviadas por pessoas que não conhecem, suspeitar de qualquer pedido urgente oriundo de pessoas desconhecidas, e aprender a interpretar o que soa "bom demais para ser verdade". Além disso, é crucial educar as pessoas para reagirem a imagens e linguagens onde identifiquem falta de rigor ou imagens falsas.

Uma vez adotadas, essas recomendações podem ajudar a viver a transformação da educação digital com mais segurança. No entanto, a questão seria fácil de resolver se fosse apenas uma questão de seguir um conjunto de recomendações.

3. Encontrar contextos relevantes para obter detalhes – o exemplo da sustentabilidade

Não é viável apresentar uma maneira de abordar a transformação digital que seja válida ou aplicável a todos os assuntos, em qualquer situação. Isso exigiria um conhecimento enciclopédico que permitisse prever como pode a transformação digital aplicar-se e desenrolar-se em todos os tópicos e campos de educação possíveis. No entanto, sem um tema de transformação digital não é possível entender como pode ela implementar-se em benefício da educação e do florescimento dos seres humanos e do planeta. É possível ilustrá-lo por meio de um exemplo de aplicação a uma área temática.

Quando há uma matéria que fundamenta a educação digital, é possível montar discussões em grupo focal e adaptar o projeto pedagógico de forma a aumentar o conhecimento dos educadores sobre a matéria, aumentando também a capacidade dos educadores de proporcionar uma experiência de aprendizagem. E porque envolver os educadores na aprendizagem é crucial para a qualidade de excelência do seu ensino em geral, e especialmente importante na Educação Pré-escolar, a transformação digital pode contribuir para elevar a qualidade da educação.

Isto é observável neste mesmo **Projeto Erasmus + EACH**. As várias instituições envolvidas organizaram focus groups para discutir ideias relacionadas com o tema selecionado. As perguntas foram selecionadas de modo a promover o máximo de diálogo vivo possível, ao mesmo tempo que recolhem o conhecimento dos educadores.

As nossas perguntas para os focus groups foram as seguintes:

1. Qual é o seu envolvimento no campo das abordagens educacionais dialógicas?
2. Por que considera importante promover tais abordagens para lidar com a educação digital?
3. Que tipo de formação considera importante para levar a cabo a transformação digital de forma inteligente?
4. O que é sustentabilidade para si?
5. Em que tipos de projetos a sua instituição participou no âmbito da transformação digital/abordagens dialógicas/sustentabilidade?

As perguntas podem ser adotadas por qualquer instituição de ensino que queira utilizar o material sugerido pelo projeto EACH como forma de consciencializar para o tema da sustentabilidade. Felizmente, a preocupação ambiental tem sido utilizada como forma de fornecer aos educadores e instituições material para participar da transformação digital de forma inteligente. Com base no focus group, podemos apresentar a seguinte descrição geral (para mais detalhes, ver resumos de focus group e resultados do questionário escrito online dos membros de todos os parceiros, anexados no final).

As pessoas facilmente reconhecem que a Sustentabilidade requer uma conceção holística que abrange três aspetos: ambiental, económico e social. Embora a dimensão ambiental seja fortemente introduzida na educação, através do ensino de boas práticas de reciclagem e de que os recursos naturais devem ser geridos de forma a preservar a qualidade do ambiente, as dimensões social e económica aparecem mais em segundo plano, mas continuam a fazer parte de uma preocupação educativa geral, uma vez que é frequentemente reconhecido o valor da diversidade cultural e que a inclusão social e a eliminação da pobreza são necessárias como condição fundamental para um mundo justo, bem como o modo como as atividades económicas devem assegurar o respeito dos princípios legais e éticos.

Além disso, fomentar a noção de sustentabilidade pode ser encarado de forma perspicaz como um conceito em transformação no qual as pessoas podem integrar novas formas de incentivar a sustentabilidade, e embora a formação do conceito pareça ser principalmente cumulativa, a flexibilidade da noção abre a possibilidade de transformar o significado e ainda manter sua definição central.

É fundamental que a transformação digital esteja ligada ao pensamento e à reflexão, o que é mais bem conseguido quando também pode fazer pensar educadores e adultos. Uma forma de promover a conexão é garantir que os educadores se foquem em questões que façam as pessoas pensarem, além de promoverem momentos de reflexão colaborativa em sala de aula (seja para se preparar para a tarefa, seja para refletir sobre as dificuldades com a tarefa, seja como um momento final para dialogar criticamente sobre a tarefa).

A transformação digital é, desta forma, uma oportunidade para reorientar o paradigma educativo para processos de conhecimento, e sem perder de vista os resultados da aquisição de conhecimento, mostrar que a riqueza da aquisição de competências que possam ser praticadas de forma colaborativa com os outros é o que faz com que a aprendizagem valha a pena, de tal forma que mesmo os adultos continuem a querer aprender.

IV. Exemplos Relevantes de Projetos Anteriores - Boas Práticas e Estudos de Caso

1. Estudo de caso: e-Koolikott da Estónia:

A Estónia desenvolveu o e-Koolikott, uma plataforma em linha que fornece materiais de aprendizagem digitais a professores, alunos e pais. A plataforma inclui recursos especificamente concebidos para a educação infantil.

2. Estudo de caso: Iniciativa Espanha Code & Play:

Uma iniciativa que integra a programação e a literacia digital na educação pré-escolar através de jogos e atividades lúdicas. Tem como objetivo desenvolver habilidades básicas de pensamento computacional em crianças pequenas.

3. Projetos anteriores:

- **Competências dos Jovens**

A digitalização acarreta muitos perigos para as crianças e os jovens, mas faltam dados científicos sobre os impactos e os contextos da atividade digital das crianças e dos adolescentes e ainda não dispomos de conhecimentos sólidos sobre a forma de evitar esses perigos. O projeto ySKILLS, financiado pela UE, realizará investigação académica longitudinal em seis países europeus sobre os riscos e oportunidades decorrentes da utilização das tecnologias da informação e da comunicação (TIC) por crianças e adolescentes com idades compreendidas entre os 12 e os 17 anos.

<https://cordis.europa.eu/project/id/870612>

- **EACEA/38/2019 Ação-chave 3 do Erasmus+**

Experimentações políticas europeias nos domínios da educação, da formação e da juventude, lideradas por autoridades públicas de alto nível. Os objetivos do VALIANT foram testar a eficiência das Redes Virtuais de Inovação e Apoio como uma abordagem que contribuirá para superar o sentimento de isolamento dos professores e desenvolver a capacidade dos professores de operar eficazmente em linha.

<https://valiantproject.eu/>

<https://valiantproject.eu/wp-content/uploads/2021/03/VALIANT-Project-summary.pdf>

V. Recomendações

O relatório de boas práticas deve encontrar formas de ajudar os educadores a superar as dificuldades identificadas e orientar a educação na primeira infância para a transformação digital, de modo a reforçar a confiança e a ligação aos processos da vida real que apoiam o digital. Só esta interligação permanente com a vida pode garantir que a transformação digital capacita as pessoas e as suas atividades de forma sustentável.

No momento, é fácil pedir que os educadores continuem a aprender a envolver-se com a transformação digital para experimentar quais os obstáculos envolvidos e quais as promessas da transformação. Isso ajuda os educadores a terem uma base experiencial para comunicar e transferir insights na sua metodologia pedagógica.

A consulta das recomendações europeias (traduzidas em todas as línguas da UE), bem como das recomendações nacionais, é crucial para os educadores verificarem quais as recomendações que já estão em vigor e quais requerem uma atenção especial.

<https://education.ec.europa.eu/focus-topics/digital-education/action-plan>

Os professores e educadores de infância devem manter uma boa comunicação com os gestores escolares e os pais no sentido de realizarem as atividades pedagógicas, sintonizando com o ambiente social mais amplo em que se inserem e com as atividades vividas pelas crianças noutros momentos das suas vidas (recreio das escolas, atividades domésticas com os pais e irmãos).

Os pais devem, sempre que possível, realizar atividades com as crianças para orientar a sua utilização das tecnologias digitais, como forma de dar exemplos para lidar com a segurança no ambiente digital. É importante reforçar, sempre que possível, que o mundo digital só faz sentido porque existe uma ligação às experiências de vida, com questões e pessoas que nos interessam. Assim, o elemento afetivo do pensamento reflexivo será decisivo para a educação para a transformação digital.

As escolas devem manter um diálogo permanente com os pais e cuidadores sobre a utilização das tecnologias digitais nas escolas e sobre as suas metodologias pedagógicas que sustentam a ligação à aprendizagem e às atividades colaborativas. Por exemplo, é importante colaborar com outras escolas, e o mundo digital permite colaborar com escolas de outros países. No entanto, para isso, é necessário seguir protocolos e orientar-se pelas políticas gerais das instituições (como comissões éticas, reuniões presenciais, trabalho colaborativo distribuído, etc.).

Uma nota final sobre a diversidade das escolas, e as diferentes capacidades para ter a tecnologia digital necessária disponível a educadores e crianças. Nem todas as escolas nem todas as pessoas ao redor do mundo podem lidar com a transformação digital da mesma forma, porque as pessoas e as escolas têm acesso a diferentes tecnologias e têm maneiras diferentes de se manterem atualizadas sobre os desenvolvimentos tecnológicos. A variação no acesso ao desenvolvimento tecnológico continua a ser uma dificuldade importante a ultrapassar na transformação digital educativa e deve ser sublinhada quando os educadores adotam recomendações da EU.

VI. Experiências anteriores dos parceiros: correspondem às recomendações?

O questionário online, bem como os focus groups das instituições submetidos (ver excel e documentos nos links em anexo) atestam que todas as instituições parceiras têm experiência prévia em práticas educativas colaborativas, educação digital e sustentabilidade. E embora tenha havido vários projetos da EU, assim como o quadro TPACK <http://www.tpack.org/>, nenhum projeto cruzou a Educação Digital e a Sustentabilidade com métodos de aprendizagem cooperativa como a EACH sugere, tornando os resultados da EACH crucialmente relevantes para a Educação Digital na Primeira Infância.

Em suma, é já possível identificar três tarefas específicas importantes para o projeto EACH à luz da avaliação da base comum do relatório R-EACH:

Tarefas específicas para o EACH:

1. Interligar o pensamento e o fazer e as atividades pedagógicas.

2. Aprender como analisar imagens, mostrando como elas são feitas.

3. Instalar um processo colaborativo contínuo para atividades que assegurem os aspetos críticos, criativos e afetivos do pensamento, destacando momentos autocorretivos.

Referências

Anders, Y., C. Grosse, H. Rossbach, S. Ebert e S. Weinert. 2013. «Pré-escolar e Influências da Escola Primária no Desenvolvimento das Competências de Numeracia Precoce das Crianças entre os 3 e os 7 anos na Alemanha.» *Eficácia Escolar e Escola Melhorada* 24 (2): 195–211. DOI:10.1080/09243453.2012.749794

Bauchmüller, Robert, Mette Gørtz e Astrid Würtz Rasmussen. 2014. «A longo prazo Beneficia de um ensino pré-escolar universal de alta qualidade.» *Investigação na Primeira Infância Trimestral* 29 (4): 457–70. DOI:10.1016/j.ecresq.2014.05.009

Dias, P., Osório, A. J., & (Orgs). (2011). Web Universidade do Minho. Centro Competência. Disponível em http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/16110/1/Aprendizagem_InFormal.pdf (acesso em 17 de julho de 2014)

Dardanou, M., & Kofoed, T. (2019). Não se trata apenas das ferramentas! competência digital profissional. In *Early Learning in the Digital Age (Aprendizagem Precoce na Era Digital)*, pp. 61-76. SAGE Publicações Ltd, <https://doi.org/10.4135/9781526463173>

Dovigo, Fabio (2016) Argumentação na pré-escola: um terreno comum para a aprendizagem colaborativa na primeira infância, *European Early Childhood Education Research Journal*, 24:6, 818-840, DOI: 10.1080/1350293X.2016.1239327

Edwards, Susan (2013) Digital play in the early years: a contextual response to the problem of integrating technologies and play-based pedagogies in the early childhood curriculum, *European Early Childhood Education Research Journal*, 21:2, 199-212, DOI: 10.1080/1350293X.2013.789190

Comissão Europeia. 2011. «Educação e acolhimento na primeira infância: proporcionar todos os nossos Crianças o Mundo de Amanhã." *Comissão Europeia*. A partir de 19 de setembro de 2016: <http://eur-lex.europa.eu/LexUriServ/LexUriServ.do?uri=COM:2011:0066:FIN:EN:PDF>

Gomes, Maria João; Osório, António José & António Luís Valente (eds) (2015) *Challenges 2015: Meio século de TIC na Educação*. Universidade do Minho, Centro de Competência TIC do Instituto Superior de Educação, Braga, Portugal

Haddon, L., Cino, D., Doyle, M-A., Livingstone, S., Mascheroni, G., & Stoilova, M. (2020). *Competências digitais das crianças e dos jovens: uma análise sistemática dos dados concretos*. KU Leuven, Lovaina: ySKILLS.

JONASSEN, H. D.; HOWLAND, J.; MOORE, J. & MARRA, M. (2003). *Aprender a Resolver Problemas com a Tecnologia. Uma perspectiva construtivista*. Nova Jérсия: Merrill Prentice Hall.

LI, Xiaoming & ATKINS, Melissa (2004). Experiência Informática na Primeira Infância e Desenvolvimento Cognitivo e Motor. *Pediatria, Jornal Oficial do Americano Academia de Pediatria*, vol. 113, n.º 6 (1715-1722).

van Belle, Janna, (2016) *Educação e acolhimento na primeira infância (CEPI) e a sua longa efeitos a prazo nos resultados educativos e no mercado de trabalho*. Santa Mônica, Califórnia: RAND

Sociedade Anônima

https://www.rand.org/pubs/research_reports/RR1667.html

Anexos

1. Grupo de discussão (focus group) e resultados do questionário escrito

Entrevista com os parceiros:

EACH - wp2 - Partners' interviews

L'indirizzo email della persona che ha risposto (md@fcsh.unl.pt) è stato registrato quando hai inviato questo modulo.

Email *

md@fcsh.unl.pt

What do you do in your institution? *

researcher of philosophy

Para a versão completa,
consulte: https://docs.google.com/forms/d/19DnTR0AuxamUmrnAvcrhOX1YX-RUFp_sbl4Xho_1wzQ/edit

Saída da entrevista na Folha Excel:
<https://docs.google.com/spreadsheets/d/1vj1vJH9Sjp-k1M0ZiNZRaOO3JGQ0ypjQT0-RnuoLHVo/edit?gid=2110710086#gid=2110710086>

2. Resumo do Grupo de Discussão FILO

Data: 29/4/2024

Localização: Bologna, Filò

Participantes: Organização Filò (Chiara Minardi, Ilda Mauri, Carola Truffelli, Alessia Marchetti, Beatrice Gobbi)

Apresentador: Luca Zanetti

Aqui está um resumo fundamentado da conversa:

1. Qual é o seu envolvimento no campo das abordagens educacionais dialógicas?

A associação está envolvida na promoção do diálogo filosófico em contextos educativos, profissionais e cívicos.

Os membros da organização receberam formação na pedagogia do diálogo filosófico. Temos estudado e praticado uma grande variedade de métodos e abordagens: Brenifier, 'Consulta Filosófica'; Filosofia para as Crianças e para a Comunidade; Diálogo Socrático de Nelson; método baseado em problemas (Peter Worley, Philosophy Foundation).

O núcleo da nossa atividade inclui:

- fazer laboratórios dialógicos na escola (da infância à universidade);
- organizar momentos de diálogo sobre questões filosóficas para a cidadania;
- Fazer investigação sobre práticas filosóficas e pedagogias dialógicas a nível universitário.

2. Por que você acha importante promover tais abordagens para lidar com a educação digital?

Formas em que é importante:

- cria uma ocasião para o diálogo entre crianças e adultos, o que é importante, pois tanto as crianças como os adultos têm de aprender uns com os outros;
- é importante criar um diálogo coletivo sobre o impacto da transformação digital na nossa vida; por outras palavras, é importante criar uma cultura partilhada sobre este tema crucial;
- Além disso e de forma relacionada, a maioria das pessoas pensa e experimenta o digital como algo que experimentamos como indivíduos (para ilustrar: celulares, videogames, plataformas sociais, etc., são "lugares" onde se pode isolar dos outros). Em contrapartida, o diálogo é um lugar de troca e de encontro com o outro. Assim, o diálogo equilibra o comportamento individualista muitas vezes associado ao consumo digital. (O digital está para o individualismo como o diálogo está para o coletivismo)
- cria uma oportunidade para o pensamento crítico sobre o digital (questionar a transição sem passá-la passivamente); É mais fácil para os adultos refletirem porque há uma distância devido ao facto de terem crescido sem o digital.

Uma participante do focus group disse que descobriu (durante um workshop na escola sobre raiva) que muitas crianças relataram como paradigmático do aumento da raiva o momento

de perder em um videogame. Esta é uma experiência, segundo ela, que não consegue entender. É por isso que ela acha que um diálogo entre adultos e crianças sobre essa questão é importante para se entenderem e negociarem significados e valores.

3. Que tipo de formação considera importante para levar a cabo de forma inteligente a transformação digital?

- Em primeiro lugar: conhecimentos técnicos básicos sobre o funcionamento de determinadas plataformas.
- Consciencialização: como utilizamos as tecnologias?; como criar uma abordagem crítica à transformação tecnológica?; como não submetê-la acriticamente?

Como imaginamos a formação:

- Permite conhecer os dados sobre riscos e benefícios relacionados com o consumo digital; dá-nos conhecimento da literatura científica sobre o tema (psicológica/pedagógica).
- Permite-nos resolver controvérsias sobre o impacto da tecnologia nas mentes jovens.
- Confere-nos competências relacionadas com a facilitação do diálogo em geral e sobre este tema em particular. Porquê? Um dos riscos é que os adultos tenham uma abordagem alimentada pelos seus próprios preconceitos negativos e contrários à transformação digital. Devemos refletir sobre a forma de lidar com este risco.
- Permite-nos experimentar plataformas (por exemplo, videojogos). Precisamos conhecê-los em primeira mão.
- Uma parte em que experimentar essas plataformas tem um impacto emocional. Exemplo: quando se pede à criança na sala de aula para guardar o telemóvel, ela parece sentir-se angustiada. Mas eu (professora) não consigo entender, não consigo ter empatia. Gostaria de compreender.
- Faça reuniões com especialistas (psicólogos, etc.) para analisar casos marcantes em conjunto.
- Seria interessante conversar não só com crianças, mas também com adolescentes e pré-adolescentes.

4. O que é sustentabilidade para si?

A sustentabilidade tem três vertentes: ambiental, económica e social. Na verdade, para mim (Alessia) é crucial manter esses três aspetos juntos, ao mesmo tempo em que foco na questão: como criar uma sociedade justa. A tónica não é colocada principalmente no ambiente, mas, acima de tudo, na justiça. O aspeto central (para Alessia) é criar justiça social, que então também se torna o pivô para a sustentabilidade ambiental.

(Para Ilda) a sustentabilidade não pode ser colonizadora. (por exemplo, no Gana há resíduos para carros híbridos).

Implicações educativas:

- A sustentabilidade deve andar acompanhada de uma reflexão sobre o papel do ser humano no mundo. Por conseguinte, é importante manter em conjunto os aspetos económicos, sociais e também ambientais. (por exemplo, raciocinar com crianças sobre o valor do dinheiro). (Alessia)
- (Carola) Quando penso em sustentabilidade, penso principalmente no meio ambiente. Penso que é importante refletir sobre o choque entre necessidades individuais e coletivas. O diálogo é um contexto formativo ideal porque há individualidade, mas experimenta o constrangimento da alteridade. Vive-se o conflito entre necessidades individuais e coletivas.

5. Que tipos de projetos a sua instituição tem participado no âmbito da transformação digital-abordagens dialógicas-sustentabilidade?

- Projeto Bucine. Projeto de sustentabilidade com um grupo misto de adultos e crianças do ensino secundário. Era um grupo de leitura de biblioteca.
- Projeto com a Fundação Golinelli. Projeto sobre a ética da inteligência artificial, reflexão sobre ética da ciência e da sociedade. Uma parte mais técnica e uma parte de diálogo sobre as implicações deste tipo de tecnologia.
- Muitos dos nossos projetos de diálogo trabalham o tema da transformação digital sob a perspetiva da ética. Exemplo: cenários hipotéticos sobre a utilização de determinadas tecnologias (por exemplo, neurolink). Você implantaria neurolinks em seu cérebro? As questões éticas são então desenvolvidas a partir dessas questões. Por exemplo, dilema do comboio; dilema do carro; debates sobre empresas e seguros.
- Dificuldades quando se trata de questões de sustentabilidade ambiental: é difícil questionar certos pressupostos (por exemplo, a crença de que se deve respeitar o meio ambiente, que se deve cuidar dele, etc.); por isso, corre-se o risco de se tornar um recinto de feiras dos já ouvidos; É difícil criar debate e discussão.

FILO' Focus Group Resumo Áudio & Vídeo:

<https://drive.google.com/drive/u/0/folders/17aEtOwv3usdw0H7dq62C6T8633I--OWQ>

3. Resumo do Grupo de Reflexão da Universidade de Gdańsk

Transcrito, editado e preparado por:

Jarosław Jendza, UG_PL

Este documento apresenta o resumo de uma entrevista de grupo, um focus group que se reuniu para refletir em conjunto sobre as questões propostas pelos representantes do projeto 'EACH'. As pessoas que participam nesta entrevista são seis membros do pessoal do Instituto de Pedagogia da Universidade de Gdansk e 2 estudantes de pós-graduação que apoiam a equipa 'EACH'. Do sítio Web da Universidade de Gdansk.

1. Qual é o seu envolvimento no campo das abordagens educacionais dialógicas?

Como consequência da realização da primeira pergunta, tornou-se claro que os participantes do focus group estão envolvidos em abordagens educativas dialógicas de várias formas. Os professores académicos referiram que praticam a abordagem dialógica no seu trabalho com os candidatos a alunos-professores, mas também oferecem este tipo de solução às escolas que cooperam com o Instituto de Pedagogia. No decurso do debate, verificou-se também que todos os participantes na discussão, em diferentes fases das suas carreiras, praticaram ativamente a educação dialógica no seu trabalho com crianças, o que significa respeitar as necessidades individuais das crianças, ouvir as suas vozes, ter em conta os interesses individuais e estar prontos para mudar a conduta profissional.

2. Por que você acha importante promover tais abordagens para lidar com a educação digital?

Como consequência da segunda pergunta, tornou-se evidente que um elemento-chave na promoção deste tipo de abordagem na educação digital é agir como uma pessoa convidada para o mundo digital pelas crianças, e não como um guia para o mundo digital. Por outras palavras, para promover a educação digital no espírito do diálogo, é necessário assumir que as crianças - já na fase pré-escolar - têm algum conhecimento desta área, e isso deve ser tomado como ponto de partida.

3. Que tipo de formação considera importante para levar a cabo de forma inteligente a transformação digital?

Para realizar a transformação digital de forma eficaz, o foco da entrevista centrou-se na necessidade de reconhecer as características da geração com quem se deseja trabalhar. Este reconhecimento das características de uma geração refere-se ao seu mundo de vida, características psicológicas e interesses, valores e normas culturais.

Tendo reconhecido o mundo de vida das crianças, deve-se planejar atividades que estejam de acordo com a análise anterior. O elemento final é a construção de cenários metódicos.

4. O que é sustentabilidade para si?

A sustentabilidade, na visão de quem participa do focus group, é uma tensão constante entre o desejo de tornar o mundo um lugar melhor, mais justo e mais próspero e o cuidado com o meio ambiente.

5. Que tipos de projetos a sua instituição tem participado no âmbito da transformação digital-abordagens dialógicas-sustentabilidade?

A Universidade de Gdańsk participou em inúmeros projetos relacionados direta ou indiretamente com a educação digital, e a educação dialógica ligada ao desenvolvimento sustentável é uma espécie de ADN do Instituto de Pedagogia. Estes projetos têm natureza variada, desde a promoção do empreendedorismo social, passando por projetos didáticos e educativos, atividades de implementação relacionadas com novas tecnologias, até projetos estritamente de investigação.

Gdańsk, 2024-06-05

4. Resumo do Grupo Focal da Fundação Montessori

Conduzido por Paweł Turowski – coordenador do projeto

Participantes:

Dorota Turowska – Copresidente da Fundação
Katarzyna Szymańska - Copresidente da Fundação
Alicja Dubaj – Professora da pré-escola Be Montessori Jagiellonka
Agata Jednacz – Educadora florestal de Be Montessori Wilczek
Aleksandra Knapkiewicz – Diretora da pré-escola Be Montessori Beskidzka
Natalia Choromańska - Professora da pré-escola Be Montessori Beskidzka
Monika Blandzi – Professora da pré-escola Be Montessori Beskidzka
Aleksandra Wronowska – Professora de Be Motessori prechool Suchanino

Introdução:

Estamos reunidos na plataforma google meet para realizar uma reunião sobre o projeto EACH + (EACH – Early Childhood and Sustainable Citizenship Routes in the Digital Era) cujo título traduziria como: Early Childhood and Sustainable Citizenship Routes in the Digital Transformation Era.

No mundo de hoje, o contacto das crianças com as tecnologias modernas é inevitável. Portanto, vale a pena que essas tecnologias desenvolvam pensamento complexo e habilidades sociais e não apenas para assistir desenhos animados, por exemplo. As novas tecnologias também permitem introduzir as crianças à ideia de desenvolvimento sustentável, o que também é importante para o projeto.

O objetivo do projeto é desenvolver competências chave transversais (pensamento crítico, competências sociais e metacognitivas) e competências digitais em atividades de jardim de infância através da implementação, (com o apoio de tecnologias digitais), de atividades de aprendizagem participativa que contribuam para a construção colaborativa do conhecimento. O quadro integrador de todas as atividades educativas planeadas será a sensibilização para os desafios das alterações climáticas. Esta escolha baseia-se na necessidade urgente de um forte compromisso com a sustentabilidade ambiental.

Ou seja, em suma, o objetivo é: consciencializar para a ideia de desenvolvimento sustentável e desenvolver competências sociais e cognitivas através da utilização de tecnologias modernas e formas participativas de trabalho, em crianças em idade pré-escolar.

O encontro está sendo realizado para conhecer as perspetivas dos professores sobre o uso de tecnologias modernas na educação e conscientização sobre sustentabilidade.

1. Qual é o seu envolvimento no campo das abordagens educacionais dialógicas?

Dorota Turowska: Todos os lugares da nossa instituição, exceto "Wilczek", estão trabalhando na concepção Montessori que se baseia em mais como ser correspondente de crianças do que professor acadêmico. Nesta concepção, é relevante tratar as crianças com igualdade ou como Jesper Juul mencionou com igual dignidade. A questão é que as necessidades das crianças e dos adultos são tratadas em pé de igualdade. As opiniões das crianças são tão importantes como a opinião dos adultos em alguns tópicos. Em "Wilczek", o processo de decisão também é muito importante e crucial em alguns casos, mas Agata dirá mais sobre isso. Meu envolvimento no campo das abordagens educacionais dialógicas é ser um iniciador daqueles em nossa instituição, o mesmo que Kasia. Estamos também a fazê-lo desde a criança até aos alunos do ensino primário. É importante que as crianças cresçam numa atmosfera de independência e determinação, com o apoio de adultos sábios e experientes.

Agata Jednacz: Como Dorota disse em "Wilczek" a opinião de uma criança é relevante. O nosso dia normal começa com a decisão democrática de onde vamos para a expedição desta vez.

Katarzyna Szymańska: Penso que a diferença entre Wilczek e os nossos lugares Montessori é que temos algumas regras Montessori que temos de cumprir. Mas eu e Dorota costumamos dizer que não estamos fechados apenas à concepção montessoriana. Há tantas possibilidades na educação moderna que temos que derivar daí. Não podemos estar fechados apenas para Montessori. Partimos de Montessori e esta é a nossa base. Portanto, não é uma mensagem unilateral para a criança, mas uma criança é convidada todas as vezes. Não importa se é um lugar Montessori ou uma pré-escola da Floresta. Sempre nos perguntamos se podemos convidar uma criança para algum lugar e, se sim, apenas o fazemos. Não importa se é um lugar de floresta ou Montessori.

Aleksnadra Knapkiewicz: O diálogo está em cada passo da nossa pré-escola. Começamos um dia reunindo-nos no círculo com crianças chamado "Círculo" e lá as crianças tomam parte ativa nisso e podem dar suas opiniões sobre diferentes tópicos. Acompanhamos as crianças em cada passo com a descoberta de si mesmo. As regras que temos no nosso grupo são feitas com as crianças também no início de um ano e são constantemente atualizadas de acordo com as necessidades das crianças.

Aleksnadra Woronowska: O diálogo também está nas conversas das crianças. Quando algumas crianças são novas no grupo, elas fazem muitas perguntas a outras crianças, e as antigas as ajudam. Uma nova criança está se sentindo importante e ouvida e isso também é importante. Além disso, quando ocorre alguma mudança na pré-escola, as crianças são previamente informadas. Satisfaz as suas necessidades a necessidade de agência.

Monika Blandzi: Quando falamos de crianças com pais, estamos tentando convidá-las a conversar para não deixá-las sentir que estão ao nosso lado. E o diálogo entre uma criança e um adulto. As crianças muitas vezes tomam tudo para os adultos como um axioma, mas por exemplo, quando estamos convidando físico em nosso jardim de infância e ele às vezes faz algumas piadas que não são verdadeiras. Depois, fazemos alguns diálogos onde as crianças podem fazer perguntas e pensar se é mesmo verdade?

Natalia Choromańska: Tenho que me preocupar com a mesa da paz. Este é um lugar onde as crianças resolvem conflitos por eles. Só com o apoio de adultos às vezes.

2. Por que você acha importante promover tais abordagens para lidar com a educação digital?

1. Comunicar com igual dignidade gera confiança.
2. A comunicação com a criança constrói uma autoestima saudável.
3. Alimenta a motivação intrínseca na criança, pois o professor deixa claro que o que a criança faz e diz é importante e valioso.
4. Influencia a construção de agência nas crianças e um senso de influência.
5. Desenvolve empatia.
6. Permite um melhor reconhecimento e nomeação das emoções e sentimentos de si e dos outros.
7. Permite ver a perspectiva de diferentes pessoas ou diferentes grupos sociais.
8. Desenvolve uma atitude de tolerância e aceitação da diversidade.
9. Promove a autossuficiência.
10. Envolve as crianças na tomada de decisões e na assunção das consequências dos seus atos (ao nível da responsabilidade da criança).
11. A responsabilidade pessoal e social da criança é construída.
12. O diálogo promove a falta de passividade ao falar através de comunicadores.
13. O diálogo é fundamental: numa era de sobrecarga de informação, é importante ensinar as crianças a pensar criticamente e desenvolver a sua capacidade de selecionar informação.
14. Ajuda a ensinar a criança a fazer perguntas e ter dúvidas.

3. Que tipo de formação considera importante para levar a cabo de forma inteligente a transformação digital?

Respostas em queda:

- Uso da IA na educação e não só.
- Formação em desenvolvimento de soft skills, competências sociais, gestão de equipas.
- Formação sobre o conhecimento dos riscos no trabalho com novas tecnologias.
- Formação sobre o que as crianças precisam em termos de novas tecnologias e onde traçar os limites.
- Utilização de tecnologias modernas na educação. Além disso, câmeras, novos programas, microscópios.
- Como acompanhar as crianças no uso das novas tecnologias para não ficarem para trás.

- Como desenvolver competências digitais em adultos. O que os adultos devem saber sobre a vida digital de crianças e jovens.
- Treinamento em mídias sociais. Um adulto precisa de saber quais os perigos que esperam uma criança online.
- Como preparar uma criança no jardim de infância para adquirir competências digitais.
- Que formação as crianças precisam para encontrar o seu caminho na realidade digital e saber como usá-lo com segurança.
- Perigos no uso da IA.
- Aulas sobre pensamento crítico que irão preparar para selecionar informações.
- Aulas sobre como navegar no chamado "despejo de informação", como estar próximo dos próprios valores e não ceder a opiniões expressas online.
- Regras de boas maneiras na web. Como comentar, por que comentar? Como não ceder a opiniões críticas.
- Heyt - o que é e como evitá-lo.
- Higiene digital de crianças e jovens.

4. O que é sustentabilidade para si?

Respostas em queda:

- Sustentabilidade é operar no mercado local.
- É o desenvolvimento considerando o bem-estar dos outros
- É pensar no impacto das próprias atividades
- metas de sustentabilidade e implementação de projetos para alcançá-las
- É educação sobre como reduzir o consumismo
- É usar as novas tecnologias de uma forma higiénica que não prejudique o indivíduo ou as comunidades
- É saber usar o que já foi produzido para dar uma segunda vida aos objetos
- É a associação com o peso de um lado dos benefícios do outro lado dos efeitos colaterais. A sustentabilidade pode ser um símbolo de cuidado com ambos os lados para que ambos se desenvolvam e cresçam.
- Utilizar inovações tecnológicas, mas de uma forma que não prejudique o ambiente
- Pensamento de causa-efeito sempre que introduzimos novos elementos no ambiente natural.
- Educação ambiental
- Atividades de voluntariado e apoio às ONG
- Envolvimento na comunidade local
- Desenvolvimento ao mesmo tempo que vê as necessidades e cuida dos indivíduos e das comunidades
- Desenvolvimento económico e social respeitando o ambiente

5. Que tipos de projetos a sua instituição tem participado no âmbito da transformação digital-abordagens dialógicas-sustentabilidade?

- "BEE THE FUTURE projeto anual de escola e jardim de infância sobre o papel das abelhas, como cuidar do meio ambiente para que as abelhas tenham a oportunidade de trabalhar e viver. O que a falta de abelhas pode significar para o nosso ambiente. Estabelecimento de prados de flores, preparação de folhetos e caixas de abelhas - ação social na Cidade Velha de Gdansk, em que as crianças vestidas como abelhas distribuíram folhetos preparados e lanças de abelhas (mistura de grãos de flores com sujeira).
- FAMÍLIA ECOLÓGICA - um projeto de escola e jardim de infância com a duração de um ano sobre a promoção de comportamentos pró-ambientais diários.
- NETWORKERS - sobre comportamento eletrônico seguro e comportamento higiênico no trabalho com um computador smartphone e, conseqüentemente, com as mídias sociais.
- GRANDES LIÇÕES MONTESSORI: Sobre a formação científica do mundo, o Homem e sua aparição na Terra - são histórias panorâmicas que na linha do tempo mostram sucessivos eventos que ocorrem na história do nosso planeta. Nas nossas instalações, aplica-se a versão científica. Grandes lições mostram todas as conexões entre o homem e o mundo natural.
- SWEET Habits - workshops sobre alimentação saudável.
- Feira de primavera de troca de itens, brinquedos e roupas.
- Swap Shop - troca de roupas-professores trazem roupas que não usam mais e troca
- Frigorífico social – Fazer sanduíches e refeições em Gdańsk. Também embalar e entregar alimentos de todos os jantares em jardins de infância para esses lugares.
- A segunda vida útil das caixas e dos resíduos de papel na creche
- Proteção das rãs - uma ação cofinanciada pelo Fundo de Proteção do Ambiente de Wokewood. Movendo sapos de lugares perigosos para eles para um corpo de água.

A próxima reunião deverá ocorrer de acordo com o plano do coordenador principal do projeto.
Relatório elaborado por Pawel Turowski.

5. Resumo do Grupo de Discussão IFILNOVA

Encontro Online: Susana Cadilha e Dina Mendonça

IFILNOVA, NOVA FCSH, UNL – Lisboa, Portugal

Data: 10 de maio de 2024

Grupo de discussão realizado em parceria

Resumo feito por Dina Mendonça com apoio da Zoom summary AI Tool.

O Focus group destacou a importância crucial do diálogo para a educação, especialmente na que diz respeito à educação digital, e depois Susana e Dina tiveram uma discussão mais geral sobre o uso das tecnologias e o seu impacto de socialização e a importante necessidade de educação e formação adequada dos profissionais para a transformação digital. Apontando os desafios da sustentabilidade e como a eficiência desempenhou um papel importante para a economia e para a sociedade em geral. O focus group concluiu que o desenvolvimento de material pedagógico e orientações para uma abordagem orientada para o futuro da transformação digital é uma obrigação.

Susana e Dina identificaram algumas das formas como têm estado envolvidas nas práticas educativas e como a aplicação prática da Filosofia para Crianças por Dina lhes permitiu escrever o artigo sobre a importância da metacognição nas discussões sobre questões éticas. Apesar de Susana ter expressado sentir que não tinha tanta experiência como Dina nas escolas e outras experiências de aplicação prática, concordou-se que o diálogo e o diálogo de pensamento são cruciais para superar os riscos do uso generalizado de dispositivos tecnológicos pela população em geral. O diálogo não só promove a sensibilização para o risco associado ao desenvolvimento tecnológico e ao aumento da utilização de gadgets tecnológicos, como ajuda a identificar melhor a diversidade das necessidades dos alunos e a variação das suas capacidades, o que é necessário para que a transformação digital seja inclusiva e benéfica para toda a população.

Embora tanto Susana como Dina concordem que as tecnologias digitais podem ser muito benéficas no contexto educativo, também exigem cada vez mais que alunos, professores e educadores em geral saibam como as abordam com uma atitude crítica. O diálogo e os hábitos de pensamento colaborativo parecem muito adequados para proporcionar a interação social que pode instalar uma atitude crítica contínua frente às tecnologias. Além disso, a transformação digital na educação exige que todos os envolvidos tomem consciência da forma como deve existir um equilíbrio saudável entre as interações digitais, presenciais e os momentos autodidáticos. Susana expressou a importância de deixar claro o racional das restrições ao uso digital de modo a tornar todos participantes e não apenas sujeitar os outros à vontade institucional.

Susana e Dina salientaram ainda o papel das Universidades, na colaboração com outros níveis e contextos educativos, e a importância das instituições de trabalho para proteger os seus trabalhadores e estudantes do trabalho excessivo limitando os convívios sociais e as atividades de lazer. Isso também os fez pensar que a transformação da educação oferecida pela transformação digital era ideal para abordar mais uma vez questões e desafios difíceis da educação e filosofia da educação e ir além da necessidade de introduzir habilidades

técnicas básicas em educadores e alunos, e integrar a transformação digital além dos parâmetros comuns de bom senso e tornar esses valores mais concretos para serem aplicados em contextos educacionais.

Além disso, eles reconheceram que parte da dificuldade com essas questões é que questões complexas sobre o valor da tecnologia, a incerteza do mundo, bem como a interação opaca entre linguagem e pensamento estão em jogo, tornando mais difícil encontrar orientações práticas fáceis e prontas para usar. Além disso, mesmo quando as pessoas têm o conhecimento teórico apropriado, elas ainda precisam ter uma compreensão de como transferi-lo para situações em que a aplicação prática precisa ser contextual e situacionalmente adaptada. E que, assim como a conversa aqui no focus group avança incorporando insights de Dina e Susana, a transformação digital precisa incorporar insights de professores, alunos e administradores tanto quanto possível, dada a dificuldade da tarefa.

Depois, Susana e Dina passaram a considerar as questões da sustentabilidade e identificaram as dimensões ambiental, social e económica da promoção da sustentabilidade. Ambos pensavam que era claro que as desigualdades socioeconómicas dificultam ainda mais a implementação de práticas sustentáveis e a internalização das obrigações pessoais pelos indivíduos. A pressão social para integrar e tornar sustentáveis as práticas habituais de comportamento não depende apenas da escolha pessoal, mas requer a adoção de uma abordagem geral mais holística por aqueles nas políticas de tomada de decisão.

A discussão mostrou que a noção de eficiência na atividade económica tem um enorme impacto em diferentes níveis de sustentabilidade e variações nas finanças pessoais, poupança e preocupação ambiental modificam atitudes práticas concretas de sustentabilidade. Isso significa que é extremamente difícil exigir um comportamento generalizado dentro de um país, e ainda mais difícil generalizar abordagens mundiais. A melhor abordagem teórica é considerar medidas e ações muito específicas e evitar considerações abstratas e Susana e Dina esperavam que as recomendações pedagógicas do projeto pudessem contribuir para este esforço.

Além disso, a negação e o desrespeito pelos fatos científicos de parte da população sem instrução apresentam um tipo específico de desafio, pois destaca que a educação científica deve ajudar as pessoas a continuarem a assimilar os produtos científicos após a escolaridade obrigatória e que os cientistas promovem uma boa divulgação dos resultados da pesquisa. A referência, por exemplo, à saída dos EUA do Acordo de Paris mostra que, por vezes, esta questão também afeta os políticos, o que reforça novamente a necessidade de práticas dialógicas para além dos ambientes escolares. Mesmo que as Universidades, como a NOVA, se envolvam em projetos de sustentabilidade e de transformação digital, se as Universidades permanecerem fechadas a outros espaços sociais, o seu foco de investigação corre o risco de permanecer no âmbito universitário.

No entanto, Susana e Dina concordaram que a transformação digital é uma oportunidade para haver mudanças positivas, e isso já é visível nas suas próprias vidas. Assim, a exigência de adaptar a vida e o trabalho à tecnologia digital pode ser vista como uma forma de aceitar a mudança e cultivar direcionando-a para resultados positivos para todos. Assim, o desenvolvimento do material pedagógico tal como aparece no projeto pode ajudar muito a cultivar a procura de adaptabilidade e a promoção de mudanças positivas.

IFLNOVA Focus Group Audio & Vídeo:

<https://drive.google.com/file/d/1reM5ciLvliyNrMWW0J154cWWI39S0kym/view?usp=sharing>

6. Resumo do Focus Group do Externato João XXIII

Data: 29 de maio de 2024

Local: Sala de Aula no Externato João XXIII

Pessoa que conduziu o focus group: Aléxis Trindade

Participantes:

Joana Valente – Terapeuta da Fala. Fará parte do projeto no Externato João XXIII; Rita Rodrigues – Educadora de infância. Fará parte do projeto no Externato João XXIII. Atualmente desenvolve o seu trabalho com uma turma de quatro anos; Cátia Conceição - Educadora de infância. Atualmente desenvolve o seu trabalho com uma turma de quatro anos; Carla Gomes – Educadora de infância. Atualmente desenvolve o seu trabalho com uma turma de três anos; Inês Nogueira – Educadora de infância. Atualmente desenvolve o seu trabalho com uma turma de três anos; Susana Rodrigues – Educadora de infância. Atualmente desenvolve o seu trabalho com uma turma de cinco anos; Sofia Batista – Coordenadora de Educação Pré-escolar e educadora. Atualmente desenvolve o seu trabalho com uma turma de cinco anos; Aléxis Trindade – Facilitadora de Filosofia para Crianças e professora de Cidadania e Desenvolvimento – Prática Filosófica. Está previsto que acompanhe o projeto no Externato João XXIII.

1. Qual é o seu envolvimento no campo das abordagens educacionais dialógicas?

Joana: Na minha área de intervenção, a comunicação verbal é essencial. É necessário ajudar a criança a compreender o conceito que está a discutir, seja uma questão académica ou comportamental, para garantir a sua compreensão e determinar os próximos passos a dar. Se precisamos colocá-los em uma situação para fazê-los ver outra perspetiva, devemos entender a maleabilidade do pensamento da criança para mostrar diferentes perspetivas de situações.

Rita: Como diz a Joana, acho que o importante é que, quer se trate de uma questão académica ou de outro tema, como a exploração do mundo, da sociedade, do lar, ou do recreio, temos de nos afastar do ensino tradicional, em que o professor deposita informação e o aluno é passivo.

Tento sempre abordá-los com base nas suas ideias – os alunos falam primeiro e, depois, através do diálogo, tentamos transmitir a informação sem que as crianças sejam apenas repositórios dela.

É necessário que falem e mantenham um diálogo, não só entre professor e aluno, mas também entre si. O diálogo é essencial na transmissão do conhecimento, não apenas na escuta.

Inês: Sim, as orientações que temos para a educação pré-escolar enfatizam esta abordagem. Não se trata apenas de transmitir conhecimento; trata-se de promover o diálogo.

Deve haver interação entre o educador e o grupo, ainda mais do que entre o educador e os alunos individualmente.

Apesar de ensinarmos conteúdos, aproveitamos ao máximo o que vem de casa e o que a criança traz consigo. Creio que estamos todos a trabalhar nesse sentido.

Cátia: Exatamente. Esta abordagem é essencial para promover a reflexão por parte dos alunos.

Carla: Isso mesmo. Esses momentos de diálogo estimulam os alunos a pensar, discutir e considerar outros pontos de vista. A troca de ideias é importante.

(O grupo discute as dificuldades que experimentam em promover esses momentos de diálogo e as possíveis razões para eles.)

Rita: Sim, isso permite que eles vejam e ouçam outra perspetiva, e não significa que alguém está certo ou errado, simplesmente permite que eles pensem diferente.

Aléxis: Posso dizer que a minha área de atuação é a educação pelo diálogo. Não há transmissão direta ou vertical de conhecimento; Não sou um professor tradicional e explico essa diferença às crianças (entre um professor e um facilitador). Quero sempre ouvir as suas ideias, trabalhar com as suas ideias e incentivar o diálogo entre elas e as suas ideias.

2. Por que você acha importante promover tais abordagens para lidar com a educação digital?

Joana: Em primeiro lugar, é necessário explicar-lhes (às crianças) que existem riscos reais que desconhecem. Eles não entendem as desvantagens. O diálogo é essencial para explicar as vantagens e desvantagens, destacando o que é benéfico e o que não é.

Rita: Eles não entendem as desvantagens. O diálogo é essencial sobre esta questão, é necessário explicar as vantagens e desvantagens, o que é benéfico e o que não é.

(O grupo discutiu se há idades apropriadas para o contato com dispositivos digitais.)

Susana: É importante conversar com eles porque a maioria das ações que eles veem dos adultos envolvem o uso excessivo de dispositivos digitais. Temos de lhes dar outros exemplos e experiências.

Aléxis: O diálogo é essencial porque é uma ferramenta fundamental para adquirir habilidades que não são adquiridas através da educação digital, como interagir com os outros, ouvir e respeitar mutuamente. A educação através do diálogo deve complementar o que já têm ou terão (através da educação digital), ajudando-os a tornarem-se mais críticos e sociáveis.

3. Que tipo de formação considera importante para levar a cabo de forma inteligente a transformação digital?

Susana: Acho que precisamos aprender a usar e entender as ferramentas.

Joana: Precisamos entender os riscos, vantagens e desvantagens, e determinar quais plataformas são benéficas para determinadas idades e propósitos. Este conhecimento ajudar-nos-á a tornarmo-nos bons exemplos para eles.

(O grupo discutiu se os alunos deveriam ter contato com dispositivos digitais.)

Inês: É preciso refletir criticamente sobre essa transformação digital. Temos de ponderar se vale a pena e se os riscos associados são aceitáveis. Para isso, precisamos de formação adequada.

4. O que é sustentabilidade para si?

Joana: A sustentabilidade acompanha todos os desenvolvimentos existentes.

Susana: Seus impactos.

Joana: Sim.

Susana: E é positivo ou negativo?

Joana: É negativo e positivo. Mas isso não significa que não possamos continuar a evoluir para superar os impactos negativos desta evolução.

Rita: A sustentabilidade é o equilíbrio que temos de ter nas nossas ações.

Joana: Sim. É uma ferramenta que precisamos saber usar para equilibrar nosso impacto no planeta. Devemos entender o que temos e precisamos, e considerar como usar essa ferramenta para influenciar positivamente nosso planeta.

Rita: É uma consciência que pensa não só em si, mas nos outros e no planeta.

Joana: Sim. É preciso olhar, pensar e perceber como posso, no meu dia-a-dia, tornar a minha vida mais sustentável e transmitir estas ideias às gerações futuras.

Aléxis: Compartilho da definição que diz que sustentabilidade é a capacidade de satisfazer nossas necessidades sem comprometer as necessidades das gerações futuras.

5. Que tipos de projetos a sua instituição tem participado no âmbito da transformação digital-abordagens dialógicas-sustentabilidade?

Sofia: Em primeiro lugar, educamos os nossos alunos sobre este tema, a sustentabilidade, através do diálogo.

Susana: Fazemos ações específicas, como a festa de fim de ano. Reutilizamos e reaproveitamos vários materiais.

Rita: Conversamos com eles sobre o excesso de consumo. Criamos diversos projetos com o reaproveitamento de materiais, como presentes de Dia dos Pais e das Mães.

Susana: Nós reaproveitamos roupas dos uniformes dos nossos alunos.

Rita: Em termos de transformação digital, usamos a escola virtual, não é um projeto, mas um complemento educacional.

Aléxis: Na nossa matriz escolar, as práticas dialógicas fazem parte do nosso Projeto Educativo. Depois, há disciplinas que abordam os temas da transformação digital e sustentabilidade dentro do seu currículo e ensinam esse tipo de conteúdo, como a aula de Cidadania e Desenvolvimento – Prática Filosófica.

Rita: Há ações que devem ser transversais e transversais a todos os ciclos escolares para que possamos chamar-lhes projetos.

Sofia: Há também a horta.

Susana: Sim, mas para ser considerado um projeto, talvez devesse ser transversal a toda a comunidade escolar.

Áudio Sumário do Externato João XXIII Focus Group:

<https://drive.google.com/drive/u/0/folders/17aEtOwv3usdw0H7dq62C6T8633I--OWQ>

7. Resumo do Grupo de Discussão CADIAI

Data: 30 de abril de 2024

Instituição: Cadiai - Bologna, via Bovi Campeggi 2/4e

Localização: online (Zoom Meeting)

Pessoa que conduziu o focus group: Nicoletta Chierogato

Participantes: Alice Casadio, coordenadora pedagógica dos serviços de educação infantil (1 creche, 1 pré-escola, 1 centro de jogos). É mestre em mediação familiar e trabalhadora antiviolença no Spazio Donna – Centro de Empoderamento das Mulheres. É especialista em apoio parental e psicodinâmica de grupo.

Loredana Cava, coordenadora pedagógica dos serviços de educação infantil (5 creches e – até o ano passado – 2 pré-escolas também). Tem especialização em Pedagogia Clínica com abordagem bio-psicossocial. As suas áreas de interesse são o apoio à parentalidade (faixa etária dos 0 aos 6 anos e como acompanhamento ao nascimento). Atenção: por motivos pessoais, Loredana não pôde participar do focus group na terça-feira, 30 de abril (ela não aparece na gravação) e, portanto, respondeu por escrito às 5 perguntas propostas. As suas reflexões foram resumidas juntamente com as dos outros dois colegas.

Federica Gazzoli, coordenadora pedagógica dos serviços de educação infantil (1 creche e 2 pré-escolas) e conselheira biossistêmica. Especialista em apoio parental para a infância e adolescência. Obteve um mestrado em sociologia da saúde e medicina não convencional.

Principais questões emergentes e pontos de diálogo

1. Qual é o seu envolvimento no campo das abordagens educacionais dialógicas?

Nos últimos anos, três pré-escolas geridas pela Cadiai têm estado envolvidas em programas de formação relacionados com:

- Educação em Pensamento Crítico e Complexo e Tecnologias Digitais na Primeira Infância (formação de dois anos)
- *Filosofia para crianças* em idade pré-escolar (formação de um ano)

Cadi ai acredita fortemente em abordagens educativas dialógicas na primeira infância (faixa de 3 a 6 anos) como **parte de um currículo de habilidades transversais, particularmente (mas não só) voltado para a educação para a cidadania.**

No entanto, Alice salienta que *"nos grupos de trabalho que coordenei nos últimos anos, a capacidade de pensamento crítico diminuiu drasticamente [...] Os educadores/professores são cada vez mais incapazes de discordar e de argumentar o seu próprio ponto de vista. A capacidade de discordar é fraca, por isso ou se junta ao pensamento do outro, ou evita-se o contraditório porque não o vê como um recurso, enquanto como uma forma destrutiva de conflito"*.

Hoje, a tendência dos professores é definir um objetivo a priori – qualificando/quantificando em termos de conhecimentos/habilidades a serem adquiridos (por exemplo , *quando se fala*

sobre o uso de recursos hídricos, o objetivo é entender o quão importante é fechar a torneira enquanto se lava as mãos ou os dentes) – e avaliar o processo com base no cumprimento/não cumprimento das metas. Isto significa que não há uma verdadeira co-construção do conhecimento: **há antes respostas que o professor acredita serem corretas, para as quais orienta as crianças, através de perguntas** que se fecham a novas perspectivas e soluções, **convergindo para o objetivo** e não admitindo qualquer resposta não predefinida. Portanto, **qualquer coisa "externa" ou "acessória" ao objetivo estabelecido** (por exemplo, ao falar sobre recursos hídricos, surgem reflexões sobre o sentido da vida e da morte: "*O que acontece se houver um incêndio e não houver água? Todos eles morrem! E para onde vão depois de morrerem? Para o céu? Não, subterrâneo ...*") **é deixado de lado e disperso**, não compreendido nem renovado e trazido para o diálogo, devido à necessidade de voltar ao "tema definido a priori".

Portanto, existem **3 problemas diferentes na implementação de abordagens educacionais dialógicas**:

1. A dos professores dizia respeito à **postura dos professores**. Os professores ainda se orientam muito pelo modelo rígido e dogmático da *racionalidade absoluta* ("um melhor caminho", ou seja, a melhor alternativa entre as possíveis) e estão acostumados a avaliar se os objetivos definidos foram alcançados ou não.
2. A **dificuldade em acolher e aceitar o inesperado** (não planeado, "incoerente" com os objetivos definidos, "fora do tópico") **sem ser sobrecarregado e sem perder o sentido da discussão**. Integrar o inesperado na discussão exige esforço, empenho e muita competência (bem como hábito) para **"recalcular constantemente o percurso"**. Os professores têm problemas em fazer uma pausa na pergunta e mostram a urgência de chegar à resposta. Por isso, muitas vezes preferem "abandonar" qualquer coisa que se desvie do caminho definido e não seja controlável até certo ponto.
3. Embora não seja transversal a todos os grupos de trabalho e escolas, o **medo da "perda de autoridade"** também existe. O que é o professor senão aquele que sabe as respostas certas? Se aceitarmos que não sabemos a resposta desde o início (e, em primeiro lugar, reconhecermos que não existe apenas uma resposta certa, mas que existem diferentes possibilidades e interpretações) e considerarmos a possibilidade de surgirem novas questões a partir do diálogo sem chegarmos a conclusões assertivas, não corremos o risco de perder credibilidade e autoridade? Poderia revelar-se incompetente? O que acontece ao profissionalismo? Estes são alguns receios que os professores parecem carregar.

O que poderia ajudar:

- **Sair do perímetro da "racionalidade absoluta" através do "agir de forma lúdica"** (usando fórmulas de jogo abertas, como a caixa com objetos desestruturados de vários tipos, com a qual as crianças têm que inventar um jogo. Ex.: "*Eu pego a corda e começo a pular corda, ou eu teco uma rede, então falamos sobre como os diferentes jogos podem ser unidos e integrados, negociação de formas e regras*"). Se nos agarrarmos à dimensão cognitiva e pensante, é difícil sair da crença de que "há uma resposta certa – que o professor sabe – e de uma resposta errada, da qual se tem de fugir". Por outro lado, se as crianças e os professores estiverem envolvidos no "fazer

em conjunto" sabendo que não há um conhecimento "dado e final" a que chegar, uma nova atitude pode surgir e ser treinada.

- **Fortalecer a formação de professores, para cada vez mais desconstruir o paradigma do ensino transmissivo** avaliado segundo uma lógica performativa.

Mas até que isso seja uma realidade, é improvável que um professor que luta com o pensamento crítico, complexo e aberto seja capaz de apoiar processos educacionais que promovam habilidades de pensamento aberto, crítico e complexo.

2. Por que você acha importante promover tais abordagens para lidar com a educação digital?

3. Que tipo de formação considera importante para levar a cabo de forma inteligente a transformação digital?

1. **Os programas de formação devem ajudar a superar preconceitos** (que parecem limitar a educação digital apenas ao uso de dispositivos e PCs) **e as desconfianças resultantes**. Isso leva em conta as diferenças que caracterizam os contextos e destinatários da formação (sejam adultos/professores ou crianças).
2. A educação digital deve ser dirigida, em primeiro lugar, aos adultos com responsabilidades educativas: o **analfabetismo digital entre os adultos** ainda é particularmente elevado e cria a percepção de que abordar e aprender sobre o mundo digital exige muito **esforço** e um **compromisso especial**. Às vezes, ao conversar com educadores, parece que falar sobre educação digital está perto de escalar o Monte Everest: tantas coisas para saber, coisas novas para se acostumar, a necessidade de se manter constantemente atualizado com as evoluções (por exemplo, novos aplicativos, novos recursos) e, conseqüentemente, demanda por tempo ... **Quando a fadiga percebida é excessiva, existe o risco de a formação não ter impacto real na vida quotidiana dos contextos educativos, especialmente a médio-longo prazo**. É por isso que a educação digital para adultos deve ser uma educação de sensibilização, concebida com **programas de formação plurianuais** que proporcionem – após uma "formação básica" inicial – **consultoria/aconselhamento ao longo do tempo** por especialistas do pessoal educativo, de modo a que **o digital possa tornar-se um elemento da ação educativa quotidiana** (e não um "extra" com que se preocupar). **Os técnicos dos serviços/escolas para a primeira infância** (coordenadores pedagógicos, referenciais pedagógicos, etc.) também devem ser **formados e engajados** sobre o tema.
3. **A educação digital nas escolas deve ser acompanhada por um envolvimento sensato e focalizado das famílias**. Mesmo nas famílias, há adultos com um analfabetismo digital relativamente elevado, e isso leva-os a polarizar posições extremas quando falam de digital nas escolas: ou absolutamente opostos (os chamados "apocalípticos"), porque têm medo de que os DTs "anestesiam" as capacidades de pensamento dos seus filhos, ou promovam criticamente (os chamados "integrados"), porque têm a certeza de que o uso do digital é positivo de qualquer forma e sob quaisquer condições (sem constrangimentos ou reflexão posterior), uma vez que pode aumentar as hipóteses de sucesso e sucesso dos seus filhos.

Assim, devem existir programas de formação que promovam uma mudança de paradigma e apoiem uma visão da DT como um elemento integral e complementar aos outros na comunicação, como "um bloco de construção" da comunicação (e não como um elemento autónomo e autónomo).

É por isso que as abordagens dialógicas e participativas podem ser particularmente eficazes para estimular o pensamento crítico e complexo, fazendo a diferença de uma abordagem passiva que carece de significado, pesquisa e motivação.

4. O que é sustentabilidade para si?

Para os participantes do focus group, **sustentabilidade ambiental significa, em primeiro lugar e acima de tudo, ser capaz de pensar sobre o lugar e o papel dos seres humanos no mundo de uma forma que esteja fortemente interligada e respeite todos os elementos do ambiente.**

Educar para a sustentabilidade ambiental deve, portanto, significar educarmo-nos para **nos afastarmos de nós mesmos, pensarmos e refletirmos sobre o quão interligados estamos a todos os outros elementos da Terra, como somos parte de um todo, que precisa ser respeitado.**

O desenvolvimento de uma cultura ecológica baseia-se no princípio de uma «responsabilidade alargada» que poderia traduzir-se no cuidado da rede de relações de que se faz parte, tanto humana como biológica. Para que isso aconteça, é necessário um novo horizonte cultural, uma nova ética e um novo paradigma: para nos afastarmos de uma visão instrumental da Natureza, é necessário, em primeiro lugar, uma mudança ao nível do pensamento; **Caso contrário, continuaremos a tratar os sintomas em vez da doença. Os "erros de ação"** (por exemplo, o desperdício de recursos alimentares, recursos hídricos, sobre-exploração dos recursos naturais, aquecimento global, etc.) **encontrar explicação nos "erros de pensamento"** (em particular, em pensar no ser humano como superior a tudo e com direito a usar/explorar em benefício próprio tudo o que tem à sua disposição, como um "grande mestre de marionetas") **e este último deve principalmente "ser educado".**

Infelizmente, nas escolas de hoje, **o tema da sustentabilidade ambiental ainda está principalmente em segundo plano (não é percebido como uma prioridade) e abordado de formas e práticas por vezes superficiais e banalizantes.** Por exemplo, através de:

- **ações** contra o desperdício de alimentos e de água ou o apoio à reciclagem de papel. No entanto, as razões para estas escolhas ainda são muitas vezes simplificadas com explicações como *"Não desperdice a sua comida: noutras partes do mundo há crianças a morrer de fome"*, *"Se todos desperdiçarmos água, ficaremos sem água e acabaremos por não beber mais"*, *"Vamos reutilizar papel de desenho, para que as árvores não morram"*. Estas são motivações distantes da experiência quotidiana das crianças que frequentam as nossas escolas, **pouco tangíveis, pouco significativas e pouco compreensíveis, especialmente se forem apenas "slogans"** (por exemplo, um projeto "longe da experiência quotidiana das crianças" realizado com uma agência externa sobre o tema da pesca sustentável nos mares italianos; o projeto visava dar a conhecer às crianças que tipos de peixe é correto pescar em cada um deles. época do ano). Em vez disso, o que podemos dizer sobre as possibilidades –

infelizmente muitas vezes não aproveitadas – que surgem de perguntas infantis como "*Professor, por que nós, humanos, desperdiçamos alimentos e os animais não?*". Um contributo valioso que é desperdiçado se a resposta do professor se limitar a "*Porque os animais não têm gosto, comem tudo*". Ou, por que não, por exemplo, usar o tablet para assistir a um vídeo sobre o que acontece com o plástico disperso ambientalmente quando uma criança pergunta por que separar o plástico ou como é possível reduzir o impacto ambiental da produção de roupas através da prática da reutilização, em vez de apenas respostas muito simplificadas e triviais?

- a "condenação" (que muitas vezes se torna uma **estigmatização acrítica e não problematizada**) de comportamentos específicos. Que tal, por exemplo, frases (de professores) como "*Eu amo animais e não permito/aceito que vocês [crianças] os matem, nem mesmo os pobres insetos*". Por que não – em vez de culpar apressadamente as crianças – pensar em conjunto no significado da existência de outros seres vivos e na sua relação com o mundo (humano ou não)?

Por isso, há necessidade de **uma abordagem educativa** que estimule o pensamento crítico e **desloque a reflexão de** "*para respeitar o meio ambiente é preciso fazer ...*" a "*por que devo me preocupar em respeitar o meio ambiente?*".

Além disso, seria importante pensar em **ferramentas sistemáticas e fiáveis para avaliar o impacto do design educativo nesta área** (e não - ou não apenas - avaliação por objetivos do projeto específico, que provavelmente permanecerá isolado).

5. Que tipos de projetos a sua instituição tem participado no âmbito da transformação digital-abordagens dialógicas-sustentabilidade?

- Programa de investigação e formação de dois anos gerido pela Universidade de Bolonha sobre pensamento complexo e tecnologias digitais, com experimentação nas escolas (no segundo ano, Filò esteve presente na pré-escola "*Abba*" com um projeto P4C sobre o tema da identidade e crescimento, também usando Stop Motion. Já na pré-escola "*1-6*", a conceção das atividades centrou-se no tema "o universo das emoções").
- Investigação-formação com a Universidade de Bolonha sobre P4C no pré-escolar nos anos 23-24.
- Projetos em colaboração com entidades privadas locais sobre o tema da sustentabilidade (reciclagem, utilização dos recursos hídricos, pesca sustentável, etc.). Por exemplo:
<https://ragazzi.gruppohera.it/scuola-dell-infanzia>.

Resumo de áudio do CADIAI Focus Group:

<https://drive.google.com/file/d/1ldnnkXZ8wxTYa6zmPhxPkao1bdNVja87/view?usp=sharing>

8. Resumo do Grupo de Discussão UNIBO

Data:

Instituição: UNIBO - Bologna

Localização: online (Zoom Meeting)

Pessoa que conduziu o focus group: Silvia Demozzi

Participantes: Pietro Corazza, Marta Ilardo, Eleonora Bovini, Chiara Borelli.

1. Qual é o seu envolvimento no campo das abordagens educacionais dialógicas?

Marta. Sim, no ensino universitário. Uso o teatro dos oprimidos. No ensino universitário utilizo o diálogo no quadro da pedagogia transformadora. Em geral, sou a favor do trabalho entre pares em grupo, tentando, sempre que possível, afastar-me do processo de aprendizagem.

Pietro. Formação em Filosofia para Crianças na Universidade de Pádua. Tenho formação em teatro de oprimidos. Tenho usado essas abordagens principalmente com adolescentes. O pano de fundo é a Pedagogia do Oprimido, de Freire.

Chiara. Trabalhei no jardim de infância e atualmente trabalho em educação experiencial. Em ambos os contextos, o papel do diálogo e, de um modo mais geral, dos processos centrados no aluno são centrais.

Eleonora. Não tenho experiência de ensino, nem formação em Filosofia para Crianças. Talvez a experiência que tive mais próxima dos temas da pergunta tenha sido a experiência da improvisação no contexto da dança. Os estímulos são fornecidos e respondidos através do corpo em diálogo com os outros bailarinos e o estímulo.
(Seria bom tematizar a relação entre diálogo e corpo na pré-escola).

2. Por que você acha importante promover tais abordagens para lidar com a educação digital?

Sim! (Chiara). Porque o risco com o digital é que os educadores desempenhem um papel passivo no processo de transmissão. Em vez disso, o diálogo permite-lhes receber conteúdo de forma crítica. Ainda mais com os mais novos, para quem o risco de receção passiva de conteúdos é ainda maior.

Marta. Através do diálogo, pode-se também aprender a entender a natureza das ferramentas digitais e digitais. Por exemplo, pode-se estudar a natureza e a manipulação do código. O diálogo também permite entender que há uma diferença entre mim e a esfera digital.

Além do diálogo", diz Eleonora, e os outros concordam, "é muito importante refletir sobre o papel do corpo na relação com o digital. Marta traz alguns exemplos nesse sentido, incluindo o uso no jardim de infância de um software para decifrar o tamanho das árvores. Nessa experiência, os professores insistiram na integração com o corpo (por exemplo, ver tamanhos com os sentidos).

Para além da dimensão do diálogo, é importante, sublinha Pedro, atender à dimensão crítica. Isto inclui, num espectro, a capacidade de fazer perguntas sobre as origens dos

conteúdos na Internet, as origens das tecnologias, a natureza e manipulação da codificação, etc. Para isso, enfatiza Chiara, é importante entender que o objeto tecnológico (software e hardware) foi construído e, portanto, há uma mente por trás dele, que tem intenções, valores e crenças.

3. Que tipo de formação considera importante para levar a cabo de forma inteligente a transformação digital?

Muitas vezes, diz Chiara, encontrei professores que não tinham literacia básica sobre determinadas tecnologias ou conteúdos digitais. Isso foi um obstáculo durante o treinamento que tive que fazer em um videogame. Faltava o básico. Por conseguinte, é essencial fornecer literacia básica (natureza do meio, código, etc.). O contexto era um treinamento sobre Minecraft. Era fundamental experimentar o jogo em si mesmo. Aqui foi fundamental e significativo ativar também o corpo, criar a ponte entre a realidade e a virtualidade.

Pietro menciona, com curiosidade, a abordagem pedagógica hacker. Pode ser útil experimentar com adultos.

Marta destaca a importância de manter unido o tema da transposição digital e a inclusão do tema da cidadania. É importante fomentar a criação de uma cultura positiva e crítica em torno do digital.

Eleonora, por outro lado, relata sua experiência em que usou Tic Toc para ensinar italiano a estrangeiros. Ela então fez com que os professores experimentassem.

Além da desconfiança em relação à tecnologia, muitos adultos temem a tecnologia. Obter experiência em primeira mão, através da diversão e do jogo, com tecnologias pode ajudar os adultos a superar os seus medos.

Outra questão é saber se e como utilizar as tecnologias. É igualmente importante que os adultos criem a sua própria dieta digital responsável e crítica.

4. O que é sustentabilidade para si?

Marta: É uma forma de inteligência; é uma forma de responder aos problemas mantendo a complexidade unida, uma abordagem sistémica.

Chiara: Há dois aspetos. Por um lado, há a ideia de "pôr um remendo" num tsunami que nos está a sobrecarregar. Por outro, a sustentabilidade no sentido de encontrar uma forma sustentável (inteligente) de ser sustentável. Ou seja: a sustentabilidade ambiental é fundamental, é fundamental travar o problema, mas isso não deve pôr em causa outros aspetos cruciais das nossas vidas, incluindo a resiliência social, por exemplo.

Pietro: a questão já não é a questão da resolução das alterações climáticas, porque não pode ser resolvida. A questão é como a sociedade vai mudar e como pensar e educar-nos sobre essa mudança. A questão é: como aprendemos a conviver com a situação que se avizinha? Por isso, a dimensão política e coletiva é crucial. Mas o primeiro passo é a consciência de que nossa visão de mundo está prestes a entrar em colapso; Isto tem um impacto existencial e filosófico central, pelo qual o indivíduo deve ser responsável. A fase do luto é crucial. A este respeito, menciona o projeto 'A Obra que Reconecta'

(<https://workthatreconnects.org/>). Cita-o como exemplo de um curso de formação que pode ajudar na formação de professores.

Para mim, a palavra "sustentabilidade" refere-se, antes de mais, a uma prática. Pensando numa perspetiva sistémica, a reação não pode ser individual; É necessário colorir o indivíduo numa estrutura que, por sua vez, esteja em diálogo com uma dimensão institucional. A sustentabilidade deve tornar-se uma prática diária. Se estes valores forem ensinados desde tenra idade, então pode tornar-se viável. Não se pode ser sustentável se se é racista, por exemplo. Portanto, há um campo de reflexão muito amplo de que a questão da sustentabilidade pode ser o centro de gravidade.

5. Que tipos de projetos a sua instituição tem participado no âmbito da transformação digital-abordagens dialógicas-sustentabilidade?

Pietro fez a sua tese de doutoramento sobre estes temas (em particular práticas dialógicas e transformação digital) e o futuro centrar-se-á em questões de sustentabilidade. Além disso, existem muitos projetos P4C. Pietro também cita um de seus projetos em que criou podcasts sobre o tema da sustentabilidade

Marta trabalhou num projeto de investigação (para um regime de financiamento italiano chamado PON) que se centrou na questão de saber se existem fundamentos pedagógicos nos projetos escolares sobre temas de sustentabilidade. A primeira resposta é que não, na sua maioria aqueles que vão para a sala de aula não têm competências pedagógicas ou um olhar reflexivo particular sobre os fundamentos pedagógicos do seu trabalho. Daí emerge a dificuldade de manter unida uma pluralidade de temas que, no entanto, estão interligados: assim, não só a sustentabilidade, mas também questões sociais, civis, políticas, económicas, etc. Verifica-se também que os professores têm medo de abordar estas questões com as crianças, porque receiam que isso lhes desencadeie ansiedade, angústia e medo. Daí surgiu a necessidade de refletir sobre a 'ansiedade climática' na educação. Chiara trabalhou em vários projetos relacionados com o tema da sustentabilidade. Em particular, tem trabalhado sobre o papel da experiência e do contacto com a natureza na educação para a sustentabilidade. Vivenciar a imersão em ambientes naturais pode ser um aspeto central da educação para a sustentabilidade. A sua investigação de doutoramento, por outro lado, centrou-se no tema da consistência/inconsistência no comportamento dos professores em relação a questões de sustentabilidade (ambiental e social).

RESUMO DO FOCUS GROUP UNIBO Áudio

https://drive.google.com/file/d/1_P9MIYgwR9cZ7SYTy_FkX5d7y2w88AOP/view?usp=drive_link